

CAPÍTULO 1

Mary Woolsey

CHARLESTON, CAROLINA DO SUL
1859

NINGUÉM SUSPEITAVA DA CARGA QUE O RAPAZ LOURO LEVAVA NA TOSCA carroça puxada por um pónei, através das ruas de Charleston.

Eu, a mãe e a minha irmã Georgy, mais nova do que eu, tínhamos vindo à Carolina do Sul a convite do Pastor Cox, da African Free Church, para uma estada de dois dias. Tínhamos saído na manhã anterior, deixando para trás a mansão e as palmeiras, com a sua atmosfera tão suave e refinada, para fazermos as nossas visitas diárias e deixar os cartões de cor bege da mãe nas bandejas de prata.

Sr.^a Charles Woolsey, número 8, Brevoort Place, Nova Iorque.

De facto, nada nos chamava a atenção de uma forma desagradável, mas cada rosto negro com que nos cruzávamos na rua, ou que nos cumprimentava tão gentilmente na porta da frente, nos recordava do forte sistema de escravidão ali existente e fortalecia a nossa determinação de prosseguir a luta.

No regresso a casa, após a missa de domingo, com o odor das árvores-de-júpiter no ar, passou por nós uma carroça puxada por um pónei e conduzida por um rapaz que vestia uma camisa branca lavada e umas calças de confeção caseira. Com uma das rodas traseiras em mau estado, a bater a cada rotação, a sua velocidade não era muito maior do que a nossa.

– Estamos um pouco perdidas – disse a mãe, voltando-se para o rapaz. – Podes indicar-nos onde fica o Hotel Charleston?

– Também vou para esse lado. Mostro-vos onde fica, minha senhora.

Fiquei animada com o sotaque sulista daquele rapaz simpático, de pele clara, aparentando ter cerca de 12 anos e o cabelo louro claro a brilhar ao sol. Lembrei-me de imediato das minhas próprias filhas, tão louras, que tinham ficado no hotel com a nossa amiga, a Sr.^a Wolcott, e que estariam, sem dúvida, à porta, à espera que eu regressasse. Apesar de apenas ter estado afastada umas duas horas, a verdade é que também tinha imensas saudades delas.

– Onde vives? – perguntou a mãe ao rapaz.

– Aqui e ali – virou o rosto para o sol. – E a senhora? Parece ser da Virgínia.

A mãe sorriu. Adorava quando alguém reconhecia o seu antigo sotaque.

– É verdade. Saí de lá quando era apenas uma menina, mas acho que ainda conservo um pouco o sotaque. Agora vivo em Nova Iorque. Estamos aqui como convidadas do Pastor Cox, da Igreja Africana. Conhece-lo?

– Não, minha senhora.

Avançámos lado a lado, apenas se ouvindo o bater da roda partida.

– Assistimos a uma encantadora celebração da Eucaristia – explicou a mãe. – Estavam mais de trezentas pessoas.

– Aposto que deviam ser as únicas brancas – o rapaz voltou-se, sorrindo.

– Sim. Mas fomos acolhidas com muito entusiasmo.

– A minha mãe costumava levar-me à igreja todos os domingos. Mas ela já morreu.

Tirou um pedaço de pão de uma caixa metálica, aos seus pés, deu-lhe uma dentada e guardou o resto por baixo da lona.

– Vais à escola? – perguntou a mãe.

– Não, minha senhora. Nenhuma escola aceitaria alguém como eu.

– Duvido muito de uma coisa dessas – disse Georgy.

A minha atenção foi desviada para o assento traseiro da sua carroça, onde me pareceu vislumbrar um ligeiro movimento por debaixo da lona.

– Para onde vais? – perguntei.

Apontou para um edifício branco, mais à frente.

– Para o mercado. Onde vou todos os domingos. Dou as minhas voltas ao sábado e venho aqui no dia seguinte. Por isso, os meus produtos são sempre frescos.

– Dás voltas por onde?

– Por todo o lado, minha senhora. São fregueses do meu pai. Raramente venho de mãos vazias.

O rapaz avançou em direção a um edifício branco com grandes portões pretos e nós seguimo-lo. Era uma construção pesada, com a palavra MERCADO a brilhar, dourada, sobre a entrada, e uma bandeira carmesim a ondular com a brisa.

– O vosso hotel fica um pouco mais acima na rua, do lado direito – explicou o rapaz, apontando para um telhado mais distante.

– Deste-nos uma grande ajuda – agradeceu a mãe.

O rapaz prosseguiu até aos portões de ferro, onde um homem corpulento, de barba vermelha e bengala de bambu na mão, abriu uma das portas.

– Ei, rapaz, por amor de Deus, devias entrar com isso pelas traseiras e não pela parte da frente – disse ele, batendo com a bengala na madeira da carroça.

– O meu pai precisa de mim em casa.

O rapaz virou-se no assento da frente e atirou a lona para trás. Estavam ali três crianças de cor, de várias idades, apenas vestidas com uma fralda de pano grosseiro. A mais velha, que deveria ter cerca de 9 meses, segurou-se na borda da carroça e conseguiu pôr-se de pé.

– Meu Deus – exclamei.

A criança estendeu os braços para mim, na linguagem universal de amor e bondade dos bebés, e eu levantei-a da carroça. Com ela ao colo, senti o seu maravilhoso cheiro a bebé, a leite, sabão e inocência. Alguém a tratara com todo o carinho.

No chão da carroça, outras duas crianças estavam deitadas sobre as tábuas, uma das quais não teria senão uns dias.

O rapaz entregou ao porteiro um papel dobrado.

– Onde estão as mães das crianças? – perguntei, abalada. – Nem sequer têm um cobertor. Quando comeram pela última vez?

O porteiro leu o papel e aproximou-se da carroça.

– São todas raparigas? Achei que haveria um rapaz.

– Isso é com o meu pai – disse o rapaz.

O porteiro inclinou-se sobre a carroça e levantou os dois bebés.

– Uma delas é muito franzina.

O rapaz encolheu os ombros.

– Trouxe o que me mandaram. A maior chorou durante quase todo o caminho até aqui.

Segurei melhor a menina entre os meus braços e ela aninhou a cabeça sobre o meu ombro de um modo muito terno.

O porteiro entregou um maço de notas dobradas ao rapaz, que ele guardou no bolso da cintura. De imediato, sacudiu as rédeas e partiu.

O porteiro voltou-se para mim.

– Não tenho tempo para perder com pessoas da sua laia. Entregue-me a criança.

Recuei.

– De maneira nenhuma.

– Vocês, as mulheres do Norte...! Só me trazem dores de cabeça. Tem cem dólares para a poder comprar?

Procurei na bolsa que levava no pulso.

– Posso passar-lhe de imediato uma nota de dívida.

Enquanto me inclinava para o lado, o homem aproveitou a oportunidade para me arrancar a criança dos braços. A bebé chorava aflitivamente, voltando-se e estendendo os braços na minha direção, enquanto o porteiro a entregava a um outro cúmplice nojento, que a segurava com os braços esticados para a frente.

Tentámos segui-los, mas o porteiro fechou o portão com estrépito e disse, através das barras:

– Não são permitidas senhoras na venda. Este é um comércio difícil, que não é próprio para sensibilidades delicadas – e afastou-se por entre a multidão.

Agarrei uma das barras de ferro do portão, enquanto via as crianças serem levadas para um sítio fora da nossa vista, tapando a boca com a

outra mão, para controlar o horror que tudo aquilo me provocava. Que ser humano poderia ouvir aquele choro e gritos e não sentir, de imediato, compaixão? Haveria algures três mães em agonia sem as suas preciosas filhas.

Voltei-me para a mãe.

– Passámos o dia de ontem a visitar as melhores famílias de Charleston. Temos de recorrer a alguém.

A mãe continuava a olhar para a multidão ali reunida.

– A *quem*? Isto é uma questão de dinheiro, Mary. Estes fazendeiros nunca prescindirão da escravatura por vontade própria. A única possibilidade é elegermos um Presidente que acabe com isto de uma vez por todas.

Totalmente familiarizadas com o conceito de escravatura, tínhamos assistido às palestras do Dr. Cheever, no Instituto Cooper, lêramos muitas vezes *A Cabana do Pai Tomás* e víramos anúncios de venda de escravos no *Charleston Courier* dessa manhã. Porém, nada nos preparara para assistirmos a tão sinistro espetáculo ao vivo.

Com um horror crescente, observámos a área do mercado, apinhado de gente, enquanto a venda começava, num espaço de tetos baixos, aberto para um pátio traseiro onde se erguia um edifício em tijolo, com as janelas gradeadas cheias de rostos escuros. Na enorme sala, o leiloeiro tomou o seu lugar sobre uma plataforma de madeira rústica, batendo com o chicote de couro contra uma bota, sentindo-se no ar a tensão do dinheiro.

Tinha um ar de rufia, a puxar o seu tufo de barba amarela, com as suas calças axadrezadas e um chapéu panamá surrado.

– Cavalheiros, estão prontos? – a sua voz ecoou nas paredes de pedra.

Grupos de licitantes aglomeravam-se em volta do estrado, homens com aspeto de verdadeiros cavalheiros, do mesmo género daqueles com quem nos cruzávamos todos os dias na mesa do hotel, com as suas cartolas de castor e barbas de corte formal. A maioria segurava um charuto entre os dedos, enquanto na outra mão agarrava o catálogo impresso com a mercadoria humana disponível nesse dia.

De variadas compleições, os «objetos» da venda estavam encostados à parede, e eram rudemente examinados. Perto de nós juntavam-se grupos de mães e crianças, as mulheres com bons vestidos de chita, batas brancas imaculadas e lenços de cabeça, as crianças de cabeça descoberta.

Esticámos o pescoço para ver a antecâmara da sala principal, onde os homens examinavam as mulheres, abrindo-lhes a boca e levantando-lhes as saias, expondo as suas zonas mais íntimas.

– Quando era menina vi um mercado destes em Richmond. Muitos fazendeiros vendiam as suas próprias filhas de cor e as crianças que geravam com elas.

– E estamos no século XIX – acrescentou Georgy.

– Esta noite, nenhum barco a vapor ou vagão deixará esta cidade cruel sem a sua triste carga destes infelizes.

Georgy deu o braço à mãe.

– Não podemos ser complacentes e aceitar isto simplesmente porque é o costume. A Sr.^a Wolcott conhece o presidente da Câmara. Temos de falar com ele.

A mãe desviou o olhar para o leiloeiro.

– O mais provável é que o presidente da câmara também compre e venda aqui os seus escravos. É tudo perfeitamente legal. Os nossos anseios por liberdade cairão em orelhas moucas e o mais certo será correrem connosco.

– Temos de fazer alguma coisa já – disse eu. – Caso contrário, estaremos a pactuar com isto.

– Concorde, Mary – confirmou Georgy. – Mas decerto teremos de ser discretas para conseguirmos algum resultado.

O porteiro empurrou dois rapazinhos e uma menina um pouco mais velha para a plataforma. A rapariga manteve-se circunspecta e com bons modos, observando a multidão com uma expressão cautelosa, com um braço em volta dos ombros de cada menino, o seu cabelo envolto no mesmo tipo de pano branco que as mulheres mais velhas usavam. Os rapazes olhavam para a multidão, demasiado jovens para conseguirem esconder o medo terrível nos seus olhos.

O leiloeiro apresentou-os, com o braço estendido e a palma da mão aberta.

– Os rapazes são Scipio, de 10 anos e Clarence, de 12. A rapariga é boa criada, ótima para limpezas. Os rapazes servirão bem para o trabalho nos campos.

Do lado de dentro do portão estava uma mulher com um bebé nos braços e outro agarrado às saias. Inclinou a cabeça e chorou contra a palma da mão.

– Conhece aquelas crianças? – perguntou a mãe à mulher, em voz muito baixa.

A mulher limpou os olhos, lançou um olhar furtivo à plataforma e depois voltou-se para a mãe.

– São todos meus filhos – respondeu, praticamente num sussurro.
– Ali, em cima da plataforma.

– Meu Deus – a mãe apertou mais o xaile.

– São os meus dois rapazes e a minha menina, Sukey. Não é do meu sangue, mas fui eu que a criei. É boa menina. Aqueles rapazes adoram-na.

A mulher apertou mais o filho contra si e olhou em volta.

– Pode falar connosco livremente, sem medo – disse a mãe.

– Sabia que iam vender alguns deles, mas já só quero ficar pelo menos com estes dois pequeninos. São demasiado novos para ficarem sem mãe.

– E o seu marido? – perguntei.

– Foi vendido. Há alguns meses.

– Para onde? – perguntou a mãe.

– Não sei, senhoras. Foi difícil ele ter ido embora, mas o que posso fazer? Tenho o coração despedaçado, mas tenho de aguentar.

Os compradores aproximaram-se mais da plataforma, em volta de Sukey e dos rapazes.

– Tira-lhe o vestido – gritou um deles.

– Tinha de tê-la examinado mais cedo – respondeu o leiloeiro.
– Conhece as regras.

O leiloeiro puxou para baixo um ombro do vestido da rapariga e agarrou-a pelo queixo.

– Sorri, rapariga.

Sukey forçou um sorriso.

– E vejam estas covinhas. Até pode vir a ser uma jovem jeitosa.

O homem levantou-lhe a orla da saia para mostrar os tornozelos e as pernas, mas Sukey arrancou-lhe a saia da mão.

– Qual é o problema com os olhos dela? – perguntou um licitante.

– Está a chorar, só isso – respondeu o leiloeiro. – Mas ela está bem.

– Venda a rapariga em separado – interveio outro licitante. – Dou-lhe seiscentos por ela.

– Vendida – gritou o leiloeiro.

Os irmãos de Sukey envolveram-na pela cintura. O leiloeiro puxou-os e os meninos choraram e lutaram com ele, tentando dar-lhe socos.

Através das grades, Georgy passou à mulher o cartão de visita da mãe, com uma moeda de ouro Liberty, no valor de vinte dólares, oculta por baixo dele.

– Depressa, pegue nisto.

– Oh, não, menina.

Georgy passou o cartão junto à argola de ferro do portão, em direção à mão da mulher.

– Tome. Ninguém vai ver. Não é muito, mas é tudo o que temos de momento. Se conseguir chegar a Nova Iorque, vá ter ao endereço escrito no cartão, para a ajudarmos.

A mulher olhou em volta e enfiou o cartão e a moeda no bolso do avental.

– Muito obrigada, menina. É muito gentil. Vou escondê-los bem.

O porteiro aproximou-se e acotovelou a mulher, ainda com o bebê nos braços e o outro filho agarrado a ela, para que avançasse.

Ela voltou-se.

– Chamo-me Alice – disse, enquanto ele os empurrava com mais urgência, para que subissem os degraus da plataforma.

– Não sei se ela alguma vez conseguirá libertar-se e ir ter a Brevoort Place – sussurrou a mãe.

– Pelo menos já tem alguma coisa – repliquei.

Alice subiu lentamente os degraus com os seus dois filhos e apertou-os bem contra si. O leiloeiro fez a sua habitual récita, sugerindo um preço em separado para Alice e para os filhos, e o martelo rapidamente atestou o negócio.

– Vendido – gritou. – Cem dólares pelo James e o bebê, Anthony. Alice, novecentos dólares.

Alice caiu de joelhos em frente ao leiloeiro, implorando-lhe que a deixassem ficar com as crianças.

A mãe virou-se, zangada, subindo pela Rua Chalmers em direção ao hotel e nós seguimo-la, com a infelicidade das pessoas vendidas bem viva na nossa mente e o pranto desvairado de Alice a ecoar à nossa volta, sem que a sua agonia merecesse a mínima compaixão.

Eu já antes vira aquela expressão na minha mãe. Depois de o pai falecer, deixando-a com oito filhos para criar. Quando chorámos, na ocasião em que mudámos todos para a estranha cidade de Nova Iorque.

Um olhar que dizia, *Vamos mudar esta situação terrível. Ou morreremos a tentar.*